

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: NO-AM-geral
 Data: 07.04.91 Pg.: 198

Expedição resgata idiomas indígenas ameaçados

Pesquisadores da UFSC usam tecnologia inédita para buscar língua-mãe americana

Luíza Argolo

As línguas indígenas que eram mais faladas no continente americano até 200 anos atrás por tribos estabelecidas no território que vai desde a Flórida (EUA) ao Paraguai começarão a ser pesquisadas. Um grupo de 17 pesquisadores da UFSC fará uma expedição que durará 90 dias à região de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, próxima ao Pico da Neblina e das fronteiras com Colômbia e Venezuela. A partida do grupo está marcada para o final de junho e será chefiada pelo belga naturalizado brasileiro Jean Pierre Angenot, professor do Departamento de Letras da UFSC e consultor de línguas indígenas da Finep, e por sua mulher, a soviética Alexandra Alkhenvald-Angenot.

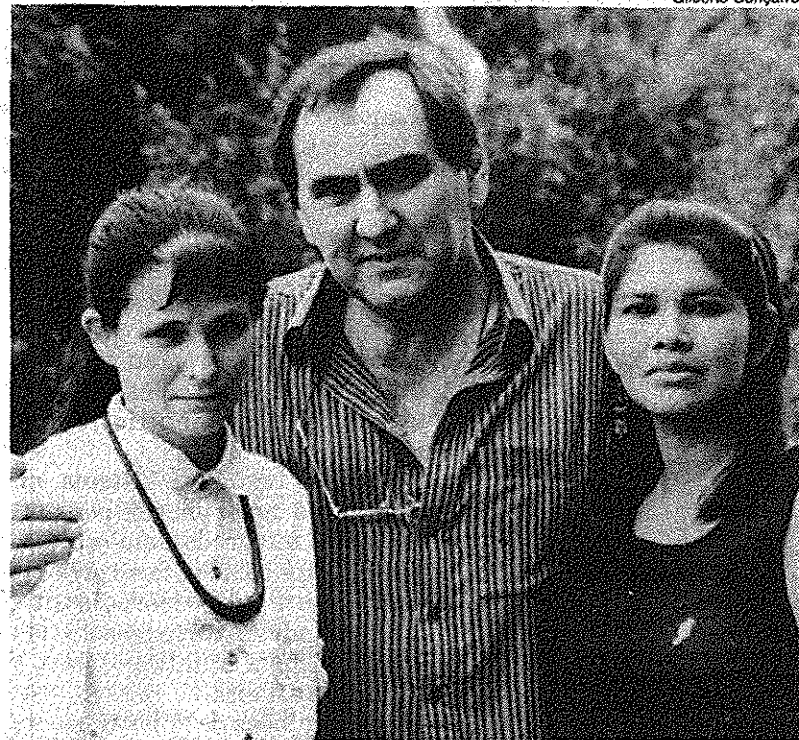
Segundo Angenot, essa expedição vai permitir que a língua-mãe de mais de 60 idiomas indígenas vivos seja reconstruída e a descoberta de mais informações sobre a origem comum das Américas, ou Ameríndias, como prefere se referir ao continente. A decisão de estudar mais a fundo os idiomas da família Arawak, para, a partir deles, reconstruir o proto-Arawak tal como era nos primórdios da civilização indígena, surgiu durante uma reunião em março do ano passado no Colorado (EUA), com especialistas em estudos históricos comparativos de línguas ameríndias. O professor da Universidade de Brasília (UnB) Aryon Rodrigues mostrou a Angenot que a família Arawak sofre um verdadeiro vácuo de pesquisas comparativas, apesar de sua importância. Segundo o belga, "a América do Sul é o maior laboratório do mundo para o estudo de línguas que a ciência não descreveu e nada melhor que levar os alunos a fazer pesquisas de cam-

po para o melhor conhecimento do assunto".

Com verbas do Conselho Nacional de Pesquisa e da Financiadora de Estudos e Projetos, que estão financiando a expedição, os 17 pesquisadores usarão tecnologia inédita em trabalhos de campo lingüístico. "Os papéis e canetas e o gravador serão substituídos por computadores portáteis com conversores analógico-digitais e digitais-analógicos, abastecidos por painéis solares", revela o casal Angenot. A utilização deste moderno equipamento foi aprendida por pesquisadores de vários países num curso dado em Florianópolis no início do mês passado, promovido pelo Instituto Lingüístico de Verão — sediado em Brasília — e pela UFSC. Com esse aparelho os dados coletados serão armazenados em disquetes, e a voz convertida em onda sonora poderá ser reproduzida por um alto falante. Segundo Alexandra, esse sistema de software permite, também, segmentar qualquer trecho da gravação, seja uma sílaba ou uma palavra completa. Um outro programa, baseado em banco de dados, facilitará a informação de uma árvore genealógica dos idiomas, através de comparações.

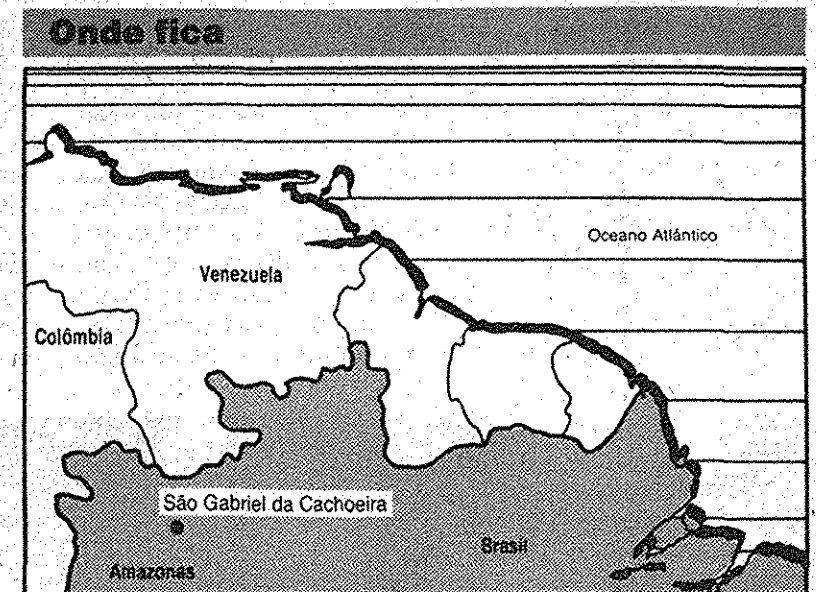
"Haverá um ganho de tempo e dinheiro, pois as informações recolhidas a cada expedição só poderiam ser analisadas na volta a Florianópolis. Agora tudo será feito numa única etapa", diz Alexandra, que considera a introdução desses equipamentos como "um marco importante para a lingüística no Brasil". Para Jean Pierre Angenot, o acesso a essa tecnologia permitirá o resgate das línguas indígenas numa velocidade compatível, uma vez que elas são um legado universal que está desaparecendo.

"É como se fosse nas reservas ecológicas de fauna e flora, onde o patrimônio maior é o banco genético que elas representam", compara.



Alexandra, Angenot e a índia Deomida viajam ao Amazonas em junho

Gilberto Gonçalves



O município de São Gabriel da Cachoeira tem uma população de 20 mil pessoas instaladas num território com a mesma extensão do estado de Santa Catarina. Destas, apenas 7 mil estão na sede do município, na sua maioria indígenas (perto de 30 tribos diferentes pertencendo a quatro famílias lingüísticas distintas — Arawák, Tukáno, Makú e Yanomani) e caboclos que falam o Nheengatu. Uma minoria de homens-brancos trabalha na administração municipal, comércio (a maioria nordestinos, missões religiosas e forças armadas.)

Descendentes de duas tribos vêm à Capital

Jean Pierre Angenot, além de implantar a informática na pesquisa de línguas indígenas, também trouxe a Florianópolis duas índias descendentes de tribos que falam os idiomas Baniwa e Baré: Marcília Fontes Rodrigues, 27 anos, e Deomida Oliveira Máximo, 23 anos, respectivamente. Atualmente na cidade está apenas a segunda, pois Marcílio sentiu saudade do povo e familiares e voltou rapidamente para São Gabriel da Cachoeira, situada a mil quilômetros de Manaus. A viagem dura cinco dias de barco, mais uma caminhada extensa pela mata até sua comunidade.

Ambas vieram auxiliar os estudantes e pesquisadores na alfabetização dos dois idiomas. Deomida conta que o interesse em aprender o Baré é muito grande por parte de seus "alunos". Apesar dos nomes portugueses herdados de ex-moradores da região, as índias falam duran-

Línguas que serão pesquisadas

Baniwa - Há 5.460 falantes no Brasil e 407 na Venezuela.
Kuripáko - 1500 falantes no Brasil, 2.500 na Colômbia e 210 na Venezuela.
Warekéna - 338 falantes no Brasil, 367 na Venezuela.
Tariána - 1.600 no Brasil, sendo a maioria falando Tukáno, (uma corruptela) e somente duas aldeias mantendo a língua original.

Baré - Está dividida em dois grupos. O do sul fala somente português e o Nheengatu, a língua geral de origem Tupi. O do norte ainda tem 25 pessoas no Brasil e 300 na Venezuela.
Mandáwaka - 24 falantes no Brasil e 3 mil na Venezuela.
Yabaána - 90 remanescentes no Brasil dispersos pela invasão de Yanomamis.

te grande parte do tempo os idiomas originais da raça a que pertencem. "Meus pais e pessoas mais velhas só falam Baré, os jovens parecem que têm vergonha de sua origem e só falam português", revela Deomida. "Eu não me envergonho de dizer que descendo de Baré, tampouco evito

falar a língua. Seria muita falsidade de minha parte", afirma. A vinda das índias a Florianópolis foi financiada pelo CNPq e Finep, e o curso de alfabetização que deram aos "homens-brancos" foi um pedido das Missões Salesianas, muito influentes no Alto Rio Negro, como con-

dição para os pesquisadores brasileiros serem ajudados nas pesquisas lingüísticas. Segundo Alexandre, há grande interesse dos missionários em resgatar a linguagem indígena e transmiti-las aos pequenos índios. Assim, Marcília, que é professora primária em sua aldeia (Ukuki, composta por apenas 16 famílias), já levou para sua terra natal propostas de ortografia para fazer uma gramática pedagógica e uma cartilha para os indiozinhos, idealizadas por Alexandra.

Deomida trabalha numa agência de viagens em São Gabriel da Cachoeira e será guia, junto com o missionário Valteir Martins, que atualmente desenvolve um programa numa tribo Maku. Esses índios são caçadores primitivos que utilizam bebidas alcoólicas, a ponto da mortalidade infantil atingir a marca de 84% dos nascimentos. Martins — que está há sete anos na região — conseguiu reduzir esse índice para 16% no ano passado.